

TORDO



Jully Kutsk Maieski

TORDO

Observe-o

JULLY KUTSK MAIESKI

Projeto Mount Everest

Índice

Introdução: Projeto Mount Everest

Tordo

<u>Sobre a autora</u>	01
<u>Sobre o Projeto ME</u>	02
<u>Capítulo 1 - O Ciclo</u>	03
<u>Capítulo 2 - O Encontro</u>	07
<u>Capítulo 3 - O Canto</u>	10
<u>Capítulo 4 - O Chamado</u>	17
<u>Carta - Continuação na plataforma</u>	19



Sobre a autora

Eu me chamo Jully, sou uma jovem com pensamentos atípicos, no qual me trouxe a esse mundo de reflexões, e gostaria de compartilhar esse meu modo de enxergar a sociedade, a vida, e as pessoas. E essa sou eu, uma criadora de conteúdo que não tem medo de usar de sua maior qualidade (criatividade) ao seu favor.

Atualmente, estou focada em criar esse e-book (conto) para o projeto Mount Everest. Espero que vocês extraiam a verdadeira essência do que quero transmitir.

O que é o projeto ME?

Projeto M.E - Mount Everest: O projeto M.E - tem como propósito auxiliar no desenvolvimento pessoal e social de cada um. Acreditamos na superação de desafios e que a escalada é fundamental para alcançar objetivos. Sair da zona de conforto requer coragem, perseverança e estratégias, e estamos aqui, no auxilia-me.online, para conquistar nosso topo e ajudar você nessa jornada. Siga-nos no Instagram @jully.kutsk para mais informações e atualizações sobre o projeto.

Os e-books do Projeto M.E: Cada ebook que iniciamos do zero no Mount Everest é considerado um ciclo. Cada ciclo tem como objetivo mostrar que é possível começar e recomeçar quantas vezes for necessário, e que só é preciso conhecimento e uma percepção abrangente.

Objetivo do Projeto M.E: O Projeto Mount Everest busca alcançar o topo, mas com um diferencial. Ele consiste em e-books, artigos e futuramente videos, onde abordamos assuntos diferentes em cada um deles. Dessa forma, mostramos as dificuldades e estratégias de forma clara e direta, para que você evite obstáculos e torne sua escalada ao topo mais clara e eficiente. Acompanhe-nos em nosso blog [#auxilia-me.com](http://auxilia-me.com).

Respire...

Vamos começar

Capítulo 1 - O Ciclo

O despertador ecoava pelo quarto, rompendo o silêncio da manhã. Após uma noite de sono agitada, pontuada por reviravoltas e sonhos intranquilos - reflexo do estresse do dia anterior - ele se ergueu lentamente da cama, sentindo cada músculo de seu corpo. Com movimentos automáticos, depositou a pasta de dente na escova e, sob o jato frio da água, sentiu seus sentidos despertarem.

Ele caminha ao armário, escolhendo a roupa que vestirá. Com atenção, passa, tentando deixá-la o mais alinhada possível. No entanto, no fundo, ele sabe, que após algumas horas espremido no transporte público, ela não manterá a mesma aparência. Uma silenciosa testemunha de suas batalhas diárias.

Ao final do corredor, onde se encontra um espelho antigo, ele se encara, na esperança de tentar encontrar um vestígio de otimismo em seu olhar. Uma centelha que o impulsiona a enfrentar mais um dia na agitada rotina.

Após finalizar o café, prepara um pão para acompanhar e tentar se manter em pé em mais um dia de sua vida. Confere o relógio e, percebendo seu adiantamento, em questão ao horário cotidiano, decide enfrentar o transporte público.

Como esperado, o ônibus estava abarrotado de passageiros, cada um envolto em seus próprios pensamentos e preocupações. Enquanto tentava encontrar um espaço para se acomodar, sentiu um toque suave em seu ombro. Ao se virar, deparou-se com um homem de feições marcadas pelo tempo, vestindo roupas desgastadas e com uma barba por fazer que parecia não ver uma lâmina há tempos. O que mais chamou sua atenção, no entanto, foi o machucado em seu olho, que parecia recente.

Seus olhares se cruzaram, e por um momento, mesmo sem palavras, questionou-se internamente sobre as circunstâncias que o levaram àquela situação. Parecendo perceber sua curiosidade silenciosa, o homem iniciou um diálogo. Mas, em meio ao barulho e agitação do ônibus e com seus pensamentos atordoados, rapidamente acenou em desculpa, indicando que não era o melhor momento para conversar, mesmo sem ter certeza do teor de suas palavras.

Apesar de seu dia ter começado há algumas horas, ele só se dá conta disso, ao chegar no trabalho. Resultado de uma longa vida automatizada.

As portas se abrem. Um mar de indivíduos o espera, gerando uma sensação de tsunami, prestes a ir em sua direção. Respira e se posiciona em seu pequeno cubículo, arquitetado para ser o menos confortável possível, e pega uma caixa amarela em sua gaveta, em um movimento rápido engole dois comprimidos, e assim se inicia seu dia.

Hora do almoço, pega sua marmita, e uma garrafa de café, que tinha preparado mais cedo. O intervalo é breve, então, é questão de minutos, para efetuar sua sagrada refeição.

O período da tarde é ainda mais movimentado, após o horário de almoço e no final da tarde. O estabelecimento fecha para o público, mas o trabalho ainda não terminou. Na reunião seus olhos estão dispersos, era como se ele não prestasse atenção em outra coisa a não ser no tempo. Havia se passado 20 minutos de sua liberdade, e como odiava aquilo. Aquela voz passiva-agressiva, ainda soava em sua mente.

O dia termina. Exausto, retorna para casa, e sentando em seu sofá, que de tão fundo que estava poderia sentir a madeira. Respira demasiadamente pelo dia todo. Ele pode sentir todas as suas dores se revelarem, como se antes estivessem escondidas, só esperando seu momento de descanso.

Após a janta, tenta relaxar, finalmente ele esta em paz, pode descansar e pensar em algo, que não seja números. Porém, agora, com questionamentos do porquê estar onde está, em uma cama com um lençol velho, e com pomada espalhada em pontos específicos de seu corpo. Ele não se sente em seu devido lugar, ele não aceita esse sentimento. Olha o relógio, e clama para que ele parasse por trinta minutos, mas já é tarde. A ansiedade tomará seu corpo, e não conseguirá lembrar nem mais do que antes ocupava a sua mente. Nesse instante, com o corpo virado em direção ao teto, e com olhos semiabertos, se passa aflição e uma frase em sua mente “Eu não queria isso”. Se vira ao pegar uma cartela posicionada em cima de sua comoda, e basta uma pílula para lhe fazer desmaiar, e assim ocorre, esperando acordar em uma história totalmente distante de sua realidade.

Capítulo 2 - O Encontro

Há tempos se sentia diminuto, quase insignificante. Era como se fosse um mero grão de areia, perdido em uma praia infinita, sob o olhar indiferente do horizonte. A cidade, em sua voracidade, parecia devorar não apenas o tempo, mas também a essência daqueles que nela habitavam.

A rotina, havia se tornado um loop contínuo de tarefas e compromissos que mal conseguia distinguir uns dos outros. Despertava ao som do alarme, vestia-se quase mecanicamente, escolhendo peças que mais se adequavam ao esperado. O trânsito, com sua dança caótica e impessoal, era um desafio diário, um mar de veículos e rostos apressados. E no escritório, a avalanche de responsabilidades e demandas consumia sua energia, fazendo os minutos se arrastarem e as horas voarem simultaneamente.

Chegando na empresa onde trabalhava, ele foi recebido por portas fechadas e janelas escuras. Uma onda de desconcerto o tomou, e por um instante, ele idealizou o abandono e falência da estrutura, e como ela ficaria bela comandada pela natureza. Ao sair do, transe, rapidamente olhou para seu relógio, esperando ter chegado cedo demais, mas logo percebeu seu engano. Era um daqueles raros dias de descanso, em que ele poderia estar em casa, distante da rotina maquinal a que estava submetido. Ao seu redor, tudo parecia deserto.

Seus olhos, marcados pela exaustão, refletiam resignação. Estava prestes a se virar para ir embora quando um som frágil e desesperado capturou sua atenção. Seguindo essa melodia débil, ele descobriu sua origem, um Tordo, se debatendo freneticamente contra a janela. Era como se o pássaro estivesse ali há horas, repetindo aquele ciclo angustiante. O homem permaneceu estático, mergulhado em impotência. Só observando o animal se debater, aliás, o que ele poderia fazer? Tudo. O que ele escolheu fazer? Nada.

Ao retomar sua caminhada para casa, o arrependimento pesava em seu coração. As imagens do tordo em desespero dominavam seus pensamentos, ampliando sua sensação de cansaço. Ele sentia que aquela cena era mais do que apenas um pássaro em perigo. Era como se fosse um reflexo de sua própria prisão emocional.

Já distante da empresa, mas carregando um peso que parecia ampliar cada passo, seus olhos captaram uma cena que, sob circunstâncias normais, passaria despercebida. Um jovem, de feições simples, mas gestos rudes, em uma ação o garoto cadeia uma estrutura metálica e detalhada, algo que aparentemente não havia outro propósito a não ser do aprecio, dentro dessa estrutura havia um pequeno pássaro, mas aprisionado naquele objeto se tornou grande, suas penas e olhos havia um brilho anormal, entretanto o que chamou sua atenção era seu canto encantador, mas, naquele momento, mesmo sendo belo, ele sentia que era um grito desesperador, encoberto em melodia.

O homem com sentimentos de segunda chance, tomado pelo instinto, corre em direção, e em uma tentativa falha de tirar a gaiola para si, o pequeno porte metálico cai, causando a liberdade, agora ele estará livre.

Capítulo 3 - O Canto

Ao retornar ao lar, ele sentiu que sua casa, que deveria ser seu refúgio, estava tornando-se cada vez menos um reflexo de sua verdadeira identidade. Era quase como se, a cada dia, um pedaço dele fosse sutilmente desgastado, levado pela maré da conformidade. Ansiava-se por uma pausa, por um respiro, por um momento em que pudesse redescobrir e reconectar-se com o que realmente importa. Afinal, "Quem era ele" e "Para que ele vivia"? Aquele pássaro, desencadeou algo nele.

Em uma determinada manhã, caminhando pelas ruas da cidade, sentiu o peso do concreto e da agitação urbana como nunca. Era como se as edificações se estendessem mais alto, tentando tocar um céu cinzento e distante. Os carros, em um balé frenético, pareciam multiplicar-se incessantemente, formando, rios de metal e fumaça. Os ruídos — sirenes, conversas, buzinas — se entrelaçavam em uma cacofonia que vibrava nos ouvidos e no peito, quase insuportável. E, como se isso não bastasse, os compromissos e responsabilidades profissionais erguiam-se diante dele, como uma montanha íngreme e desafiadora.

Porém, justamente quando a opressão parecia atingir seu ápice, algo surpreendente aconteceu. Uma brisa fresca e inesperada, típica do outono, veio em sua direção, acariciando seu rosto de maneira suave. Com ela, trouxe o aroma reconfortante das folhas secas, da madeira e da terra úmida. Aquele sopro de ar puro era um contraponto perfeito ao ambiente saturado da cidade.

Era como se a natureza, com sua eterna sabedoria e empatia, decidisse intervir naquele exato momento. Oferecendo-o uma pausa, um lembrete.

Em meio ao vaivém do dia, houve um breve interlúdio, quase imperceptível na tapeçaria sonora da cidade. Foi nesse preciso momento que, cortando a quietude, o canto do Tordo reverberou pelo ambiente. A melodia, límpida e pura, que contrastava com os sons mais mundanos do cotidiano, havia retornado a ele.

Enquanto a cidade pulsava com seus ruídos característicos, aquele canto singular se destacava, como uma joia rara em meio ao cascalho. Lhe fazendo sentir paz e introspecção, envolvendo-o em uma bolha, diante do caos.

Ao se deparar com aquela cena, embora estivesse maravilhado em observar o tordo de perto, ele sentiu a audácia pulsar em seu peito, alimentada pelo desejo de interagir de alguma forma com aquele ser alado. Rapidamente, mergulhou as mãos em sua bolsa de trabalho, procurando algo que pudesse servir de agrado. Depois de uma breve busca, um brilho de triunfo iluminou seus olhos quando, cuidadosamente, retirou sua marmita. Dentro dela, havia sobras de dois pães de seu almoço. Sem hesitar, tomou-os entre as mãos e os esfarelou, transformando-os em uma série de migalhas.

O tordo, com seu olhar perspicaz e movimentos sutis, parecia observá-lo com atenção, aguardando seu próximo movimento.

Com um misto de ansiedade e esperança, ele soltou as migalhas suavemente, fazendo-as cair a um palmo de seus pés. Seu coração batia na expectativa de ver o pássaro aproximar-se para desfrutar daquela pequena oferta. No entanto, o tordo, em um gesto eloquente, parecia desacatar aquela tentativa. Talvez, no fundo, ele já soubesse que sua alma fosse negar migalhas.

A atitude inesperada do animal, o leva a uma profunda observação, em busca de uma resposta. Ele acaba se perdendo em cada detalhe de sua beleza, que se destacava como um retrato vivo. Suas penas cintilantes, banhadas pelo brilho do sol de outono, captam e refletem tons dourados e acobreados que pareciam dançar a cada movimento. Seus olhos, profundos e penetrantes, carregavam uma sabedoria antiga, como se guardasse segredos de eras passadas. Com esse pequeno e significativo momento de introspecção onde o tempo havia parado, ele compreendeu, ele finalmente compreendeu.

No entanto, como um sonho que se desvanece ao despertar, aquele momento de contemplação foi bruscamente interrompido. O grito estridente e metálico das buzinas irrompeu, lembrando-o de que estava no coração de uma metrópole pulsante. O tráfego, com sua dinâmica incessante e impessoal, havia retomado seu ritmo frenético.

Aquele contraste, entre a serenidade do pássaro e o caos da cidade, instigou-o a uma reflexão profunda. Todavia, por mais que uma parte dele desejasse permanecer ali, imerso naquela cena quase mística, a realidade o chamava. E assim, com uma sensação agri-doce, retornou seu caminho, levando consigo a lembrança daquele breve, mas inesquecível, encontro. O primeiro encontro de seu completo “eu”.

O eco da melodia do tordo, entrelaçado com sua imagem graciosa, permaneceu consigo, marcando presença em cada canto de sua pequena consciência durante todo o dia. Mesmo entre os momentos opressores e desgastantes de sua rotina, cada intervalo, cada momento de isolamento, trazia de volta a lembrança daquele encontro ocasional. Era como uma melodia sutil que tocava ao fundo. Um lembrete persistente e iminente de algo.

Há tempos ansiava-se por esse genuíno momento.

Em vez de embarcar no habitual e caótico transporte público, repleto de agitação, decidiu que seus pés seriam sua condução. E assim, optou por uma caminhada serena, deixando que a cidade o guiasse por seus caminhos menos percorridos.

E, como se o destino tivesse traçado um plano, encontrou-se diante de uma praça que até então não tinha lhe dado a devida atenção. As árvores e flores pareciam banhadas por uma luz especial, com tons dourados e vermelhos do entardecer pintando cada folha e pétala. A praça, em sua serenidade, surgia como um oásis escondido, um refúgio tranquilo em meio à voragem da selva de concreto que é a cidade. E ali, cercado por essa paisagem quase mágica, sentiu novamente conectado.

No silêncio daquele momento, uma melodia familiar rompeu a quietude – era o canto do Tordo, ecoando com uma qualidade quase enigmática. Não era a primeira vez que aquele som tocava de maneira tão profunda, e não pode evitar a sensação de que aquilo

ultrapassa a esfera das simples coincidências. Era como se algo estivesse usando aquela pequena ave como um mensageiro, um emissário que carregava uma mensagem direcionada especificamente a ele. Sua alma.

Apesar do seu ceticismo natural, uma parte dele, aquela que residia no racional e se conecta com o inexplicável, sentiu uma ligação profunda e inegável com aquela criatura alada. Era como se, através de sua canção, o Tordo estivesse lhe oferecendo uma visão, uma luz em meio à obscuridade, mostrando uma trilha diferente daquela que ele estava acostumado a seguir.

Questionou-se, então, seria realmente correto eu continuar desejando querer viver e sentir todos os tons e variações de experiência mentais e físicas em minha vida, mesmo eu tornando-a terrivelmente limitada? Lógico que não, murmurou a si.

O caminho é a mudança, mesmo que doa, eu não cogitava mais, me manter imerso a essa falsa zona de conforto.

E aquela melodia, tão simples e, ao mesmo tempo, tão profunda, parecia sugerir que estava tudo bem mudar. E talvez, apenas talvez, fosse hora de ouvir e seguir o chamado.

Capítulo 4 - O Chamado

Quando cruzou a soleira da porta de sua casa naquela noite, uma serenidade lhe envolveu.

Lá fora, o céu noturno estava bordado de estrelas, cada uma delas cintilando como um farol de esperança no vasto manto negro. Acomodou-se na varanda, deixando que o frescor da brisa noturna tocasse seu rosto e sentiu o pulsar silencioso do mundo ao redor.

E foi nesse momento, ele finalmente se permitiu ouvir, fazendo uma promessa, não com palavras audíveis, mas sim com um sussurro da alma. Ele se libertou.

De fato, o melódico canto da ave tocava a sua alma, mas ia muito além disso. Aquele pequeno pássaro, recordava-o de que coisas bonitas não pedem por atenção, e que sim, são despercebidas. E que às vezes, a solução não é partir, mas sim mudar a forma de ficar.

Ficar e ter a capacidade de abraçar cada momento, com sinceridade.

Agora com a promessa de cada raiar do dia, ao sentir o calor suave do sol tocando sua pele, ele testemunhava o mundo despertando em cores e sons, se lembrava daquela melodia específica, era quase como se tornasse sua trilha sonora, para uma nova temporada de sua vida.

E para onde ele vai? A resposta é, vai.

A Carta - Continuação na plataforma ([aqui](#))

Caro leitor...

Tenho certeza que durante essa conto, houve diversas dúvidas e pretendo respondê-las, mas também tenho a certeza que detalhes essenciais foram despercebidos diante a leitura. E pretendo ressaltá-los

Canto... Como algo tão simples teve um papel tão importante, mudá-lo por completo, de dar uma segunda, terceira, quarta... Chance? A resposta está ao seu redor. É só observar.

Existe uma lição constante em nosso dia a dia: A natureza sempre será a resposta para tudo. A próxima vez quero que repare como a água esta em constante renovação, e com a gente não é diferente.

O canto do Tordo, está a todo instante, em um ciclo desgastante, tentando nos avisar sobre a beleza e significado escondidos nos recantos mais simples da existência. Aqueles que, em meio à correria do cotidiano, muitas vezes deixamos passar despercebidos. Talvez seja hora de silenciar o ruído ao redor e sintonizar-se com a melodia que só você pode ouvir, para se tornarem um só. Sua alma está presa gritando por liberdade. Liberte-a.